

Desafios para conter a violência nas escolas brasileiras

Dissertação-modelo CNU

Para discorrer sobre os desafios para conter a violência escolar, problema que tem sido alvo de preocupação não só de personalidades civis, como também de atores governamentais, é preciso trazer à tona o fato de que falta à comunidade escolar a noção de pertencimento em relação à escola. Outrossim, os noticiários recentes nos dão conta de que transtornos mentais têm motivado atos violentos, com mortes abruptas, inclusive de professores. Cogita-se nesse instante, nas casas legislativas, o patrulhamento escolar, o que, sem dúvida, não é o melhor caminho.

Nesse sentido, a violência, que leva, inclusive, ao vandalismo nas escolas, não existiria se cada aluno sentisse que aquele ambiente lhe pertence – falta ao aluno a noção de pertencimento. A porta do banheiro da casa, dificilmente, é alvo de vandalismo, mas não a porta do banheiro da escola. Cenas de violência também acontecem com a comunidade escolar – professores, colaboradores e alunos são alvos de agressão física e moral, como se fossem bodes expiatórios da insatisfação e da irreverência de grande parte do alunado. Ora, vandalismo e violência estão separados por um fio: o vandalismo é a agressão a coisas; a violência, a pessoas. Logo, resta dizer que o aluno violento é também vândalo – agride coisas e pessoas. Prova disso é que, em 2023, 8 em cada 10 professores foram agredidos, segundo registro da Nova Escola e do Instituto Ame Sua Mente.

Outrossim, é preciso pontuar que a escola é um espaço público e deve ser franqueada aos pais, não apenas para reuniões corriqueiras, como também para recreação – grande parte das famílias vive precariamente, e o prédio da escola, de longe, é mais bem construído do que as casas (ou submoradias) das famílias. Quando o ambiente escolar, de fato, pertencer a pais e alunos, haverá maior apreço e cumplicidade de todas as partes – afinal, a escola pertence à comunidade. Contrário disso, é a ideia desarrazoada de patrulhar os portões das escolas – isso, antes de sugerir segurança, parece listar os alunos no rol de bandidos à revelia. É certo que a educação deve privilegiar a formação cidadã, e não o armamento ostensivo – isso está fora da lista de materiais escolares.

Desde 2007, o Programa Saúde na Escola (PSE) tem atraído a comunidade para a escola, com atendimento médico de qualidade – bibliotecas e demais espaços da escola transformam-se em consultórios. Esse eficiente programa há de ser replicado país afora, haja vista o fato de oferecer assistência, inclusive, à saúde mental da comunidade. Tal iniciativa visa reduzir e prevenir transtornos que, ultimamente, têm dado causa a situações de violência e morte no ambiente escolar. Sem dúvida, os desafios para conter a violência escolar são muitos. É preciso, ainda, investir na formação continuada dos professores para que possam, além de gerenciar mais eficientemente a dinâmica de sala de aula, identificar sinais de alerta/gatilhos de comportamentos disruptivos. Fazendo isso, a escola se transformará em um ambiente seguro e estimulante, onde a educação floresce e a violência se torna uma memória distante.

Por Gislaine Buosi